



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE  
NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO  
COMUNICAÇÃO SOCIAL

NICHOLE EMILIA DE ANDRADE ALVES

**GÊNERO E PATRIARCADO:**  
O trabalho das mulheres *roadies*

CARUARU

2021

NICHOLE EMILIA DE ANDRADE ALVES

**GÊNERO E PATRIARCADO:**

O trabalho das mulheres *roadies*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Comunicação Social.

**Área de concentração:** Comunicação,  
Produção Cultural

**Orientador:** Prof<sup>ª</sup>. Dra. Fabiana Moraes

CARUARU  
2021

Catálogo na fonte:  
Bibliotecária – Simone Xavier - CRB/4 - 1242

A474g     Alves, Nichole Emilia de Andrade.  
              Gênero e patriarcado: O trabalho das mulheres roadies. / Nichole Emilia de Andrade  
              Alves. – 2021.  
              44 f.; il. : 30 cm.

              Orientadora: Fabiana Moraes da Silva.  
              Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de  
              Pernambuco, CAA, Comunicação Social, 2021.  
              Inclui Referências.

              1. Patriarcado. 2. Ajudantes de palco. 3. Gênero. 4. Trabalho. 5. Machismo. I.  
              Silva, Fabiana Moraes da (Orientadora). II. Título.

CDD 659.3 (23. ed.)

UFPE (CAA 2021-039)

NICHOLE EMILIA DE ANDRADE ALVES

**GÊNERO E PATRIARCADO:**

O trabalho das mulheres *roadies*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Comunicação Social.

**Área de concentração:** Comunicação,  
Produção Cultural

Aprovada em: **30/04/2021**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Fabiana Moraes  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup>. Dr. Amilcar Almeida  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>o</sup>. Dra. Izabela Domingues  
Universidade Federal de Pernambuco

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus orixás, que são a minha força condutora.

A minha mãe, Adilma, que nunca solta da minha mão.

A Ninha, que sempre foi fortaleza na minha vida.

A toda a minha família.

A minha esposa, Bianca, que ficou ao meu lado em todos os momentos.

A minha orientadora, Fabiana Moraes, que me inspira como pessoa e profissional.

Aos professores e professoras do curso de Comunicação Social por todo ensinamento e compreensão.

A Appolonia, Bia, Carol, Cika, Júlia e Thaís que aceitaram fazer parte desse processo tão importante.

A Aquiles, Luís, Alice, Bianca, Gabi e todos meus amigos e amigas que me fortaleceram nessa caminhada.

selváticas por amor ensandecidas, não as tocarão manadas apedrejantes,  
selváticas de vitórias surpreendente munidas, cavalgam amazonas  
delirantes. Guerreira que bebe sangue, arco e flecha do Daomé, viço no  
bicho, ebó de mangue. Jurema da favela, óleo de palma pra ela, alma na  
planta do axé. (SELVÁTICA, 2015).

## RESUMO

Esta pesquisa é um complemento do site “[www.tecnicasdepalco.com](http://www.tecnicasdepalco.com)”, que buscou compreender e analisar como o patriarcado, no contexto do mundo do trabalho, prejudica o dia a dia das mulheres *roadies*. Através de uma metodologia qualitativa, básica-estratégica e com caráter exploratório, este trabalho parte de uma perspectiva feminista com reflexões acerca da mulher como sujeito político e a coletividade, desde a época feudal até o avanço do capitalismo. Neste contexto, também são abordadas algumas formas de como a Igreja Católica e o capitalismo se apresentam como bases para a exploração e opressão às mulheres, sob a ótica de Silvia Federici. Foram entrevistadas seis mulheres *roadies*, de quatro estados do Brasil e produzido um site para veicular a reportagem que responde à hipótese de que o machismo se apresenta em diferentes intensidades de acordo com a localidade e desenvolvimento da região em que a trabalhadora se encontra.

**Palavras-Chave:** Patriarcado. Técnica. *Roadies*. Trabalho. Gênero.

## **ABSTRACT**

This present work is a complement of the website "[www.tecnicasdepalco.com](http://www.tecnicasdepalco.com)", which search to comprehend and analyse how the patriarchy, in the context of the working world, harms female roadies everyday. From feminist thought and perspective, based on a qualitative methodology, with an exploratory character, it evaluates women as a political being and its collectivity, since feudal ages until the advance of capitalism. Furthermore, this work quotes some mechanisms of how the Catholic Church and Capitalism establish oppression and exploration of women, by Silvia Federici's view. Thus, six female roadies were interviewed, from four States of Brazil, and the website was developed to set out the article that answers the hypothesis of how the machism shows itself in different intensities, according to the locality and region development where the worker is settled.

**Keywords:** Patriarchy. Stage Manager. Roadies. Work. Gender.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
1.1	Composição da pesquisa .....	12
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS.....</b>	<b>14</b>
2.1	Objetivo geral.....	14
2.2	Objetivos específicos.....	14
<b>3</b>	<b>JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>15</b>
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>17</b>
<b>5</b>	<b>O SITE.....</b>	<b>20</b>
<b>6</b>	<b>A REPORTAGEM.....</b>	<b>21</b>
<b>7</b>	<b>AS ENTREVISTADAS.....</b>	<b>23</b>
<b>8</b>	<b>PREFIRO QUEIMAR O MAPA, TRAÇAR DE NOVO A ESTRADA.....</b>	<b>29</b>
8.1	A naturalização do machismo .....	29
8.2	Consciência de classe e a necessidade da coletividade .....	31
8.3	Uma sobe e puxa a outra .....	33
8.4	“Como a pessoa tem coragem de falar isso para alguém?” .....	36
8.5	Sobre não silenciar enquanto é seguro .....	38
<b>9</b>	<b>LEI ALDIR BLANC E A PANDEMIA DA COVID-19.....</b>	<b>40</b>
<b>10</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>42</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>43</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Na cultura contemporânea, o entretenimento é uma moeda de altíssimo valor. Neste ambiente, shows e espetáculos dos mais variados movimentam milhões de pessoas — e milhões de cifras. No entanto, o trabalho existente para que apresentações, performances, festivais e outros eventos aconteçam dependem do suor e da sagacidade de um público bastante invisibilizado e que vive atrás dos palcos: as mulheres responsáveis pela técnica.

O mercado da música possui diversos trabalhos que se complementam. De acordo com Salazar (2015), a definição desse mercado é chamada de “ecossistema”, pois forma-se um conjunto de comunidades de negócios que vão se relacionando do macroambiente de mercado até o microambiente.

Segundo a International Federation of the Phonographic Industry<sup>1</sup> (2019), no ano de 2018 o setor de gravações do mercado global da música movimentou US\$ 19,1 bilhões e cresceu, na receita, 9,7% em relação ao ano de 2017. Ainda segundo o relatório da federação, o Brasil foi destaque tornando-se o décimo maior mercado da música do planeta.

Parte essencial desse ecossistema apresentado no mercado da música, são os shows ao vivo, que são subdivididos em várias categorias de trabalho. Dentre elas a técnica de palco, produção, montagem de estrutura, produção de *backstage*<sup>2</sup>, limpeza, entre uma série de funções que podem coexistir de acordo com a necessidade daquele evento. “O negócio da música tem diversos *players*. São autores, artistas, técnicos, produtores, empresários, profissionais liberais, afora a mídia publicitária e os veículos informativos” (SALAZAR, 2015, p.32). Mas, apesar de tantos conhecimentos diferentes para o funcionamento de um show, essas trabalhadoras precisam pensar numa forma de logística por igual, uniforme, não fragmentada.

Neste trabalho, vamos focar na especificidade da técnica de palco, profissão que requer conhecimentos acerca de energia, sonoridade, microfonação, montagem

---

<sup>1</sup> Tradução para Federação Internacional da Indústria Fonográfica.

<sup>2</sup> *Backstage*, tradução de “bastidores”, se refere ao lugar onde ficam os camarins dos artistas e as salas da produção do evento;

e manuseio adequado dos materiais. Esses conhecimentos são necessários não só para a proteção do material, mas para a segurança de quem vai utilizá-lo.

Uma profissional técnica de palco, também conhecida como *roadie*<sup>3</sup>, pode ser designada a viajar com uma banda ou um artista específico, bem como pode ser contratada diretamente para a realização de festivais e demais eventos de pequeno, médio e grande porte. Ela é responsável pela segurança, logística, cuidados com os equipamentos e as chamadas "viradas de palco": ali, por exemplo, a sinalização é feita por fitas fluorescentes que contribuem para a segurança, como forma de evitar quedas e outros possíveis acidentes. A logística se dá por meio da marcação de cada instrumento das bandas durante as passagens de som. Já as viradas de palco ocorrem quando uma banda sai para dar lugar a outra (há uma substituição dos instrumentos e equipamentos que deve ser feita em pouco tempo).

A equipe essencial é composta por várias trabalhadoras que são linhas de frente para garantir a execução de um evento com êxito, que cumpre ao máximo o horário estipulado com o público e que entrega um ambiente seguro ao artista.

Minha experiência como *roadie* surge a partir da necessidade de compreender melhor a linguagem técnica do palco, pois desenvolvi diversos trabalhos como produtora cultural e é possível perceber uma relutância dos homens em ouvir ordens de trabalho vindas de mulheres, além de terem muitos questionamentos acerca do conhecimento destas profissionais.

Na busca por me profissionalizar como técnica, gostei de poder desenvolver duas áreas de interesse e ter confiança nesse trabalho, que exige rápidas resoluções e menos esperas. Entretanto, a desigualdade de gênero no mercado de trabalho também é realidade para quem é *roadie* e afeta o desenvolvimento das boas relações profissionais, o que pode trazer consequências desanimadoras para as mulheres que desejam manter-se nesse mercado.

Assim como a maioria das profissões em todo o mundo, a desigualdade de gênero na técnica de palco é presente e deixa evidente que, apesar de existirem mulheres no exercício dessa função, elas não ocupam os postos de trabalho com igualdade, pois é uma profissão lida socialmente como masculina. Segundo o DATA

---

<sup>3</sup> Roadie, tradução de "rodinhas", se referia apenas ao técnico que viajava com as bandas, hoje é popularmente utilizado para todas as pessoas que trabalham na técnica com várias funções;

SIM<sup>4</sup> (2019), em uma pesquisa com 1446 mulheres da área da música, apenas 30% são da área técnica e 84% das brasileiras do setor cultural foram discriminadas ou assediadas no trabalho por serem mulheres.

Ainda na mesma pesquisa, quase 30% das mulheres dizem que não se sentem confortáveis e nem apoiadas no ambiente de trabalho pelo fato de serem mulheres. Diante da questão da desigualdade de gênero no trabalho, qualquer tipo de ofício exercido pelas mulheres carrega muitas histórias marcadas por dores, lutas e vivências que são resultados da própria divisão social do trabalho no contexto do patriarcado.

De acordo com Delphy (2009), o conceito de patriarcado pode ser mutável, pois já empregou mudanças de sentido durante a história: inicialmente, no fim do século XIX, com as teorias evolucionistas, no fim do século XX e com a segunda onda do feminismo, que surge na década de 70 e norteia as concepções atuais:

Nessa nova acepção feminista, o patriarcado designa uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens. Ele é, assim, quase sinônimo de 'dominação masculina' ou de opressão das mulheres. (DELPHY, 2009, p. 173).

O primeiro sentido da palavra veio de um significado religioso que ainda é usado na Igreja Ortodoxa, “segundo o uso dos autores sagrados, para o quais patriarcas são os primeiros chefes de família que viveram, seja antes ou depois do dilúvio.” (DELPHY, 2009, p. 173) Ainda segundo ela, o sentido social de patriarcado só aparece depois do religioso, mas alguns dicionários dão apenas o significado feminista. “‘Patriarcado’ vem da combinação das palavras gregas *pater* (pai) e *arkhe* (origem e comando). Essa raiz de duplo sentido se encontra em arcaico e monarquia [...]. Portanto, o patriarcado é literalmente a autoridade do pai.” (DELPHY, 2009, p. 174) Esse significado não diz respeito apenas a questões biológicas, mas a figura masculina e autoritária que se coloca nesse lugar.

Falar sobre patriarcado vai designar a mesma estrutura hierárquica, o que pode mudar é a explicação, a partir de diferentes perspectivas de mundo, de como é dada a construção dessa opressão.

Devido às oportunidades dos homens cisgêneros e heterossexuais terem acesso ao trabalho sem restrições por conta de suas características, o poder

---

<sup>4</sup> Núcleo de pesquisa e organização de dados da Semana Internacional da Música (SIM) de São Paulo sobre o mercado musical no Brasil.

econômico que eles têm de adquirir bens e serviços necessários para viver também rege esse sistema estrutural. Quando uma mulher não consegue trabalho para adquirir o que lhe é necessário, ela se torna dependente financeiramente de algum homem para poder sobreviver. “Enquanto na classe alta era a propriedade que dava ao marido poder sobre sua esposa e filhos, a exclusão das mulheres do recebimento de salário dava aos trabalhadores um poder semelhante sobre suas mulheres” (FEDERICI, 2017, p. 176).

Na época do sistema feudal, numa situação de casamento heterossexual, as mulheres eram designadas aos serviços domésticos, enquanto os maridos saíam para o trabalho. Ainda nessa época, segundo ela, a igreja católica pregava a submissão e a Lei Canônica santificava o direito de o marido bater na esposa.

Na transição do feudalismo para o sistema capitalista, a desvalorização do trabalho da mulher continuou de forma mais brusca. No entanto, nesse período, as mulheres já lideravam diversos motins contra essa estrutura social, como as revoltas por comida.

Para Hall (2000), a lógica de cultura nacional de todos os países estruturou um poder onde os homens tinham o papel de guardiões da nação e as mulheres um papel secundário de guardiã dos lares, sem espaço na política pública. Os homens ocupam quase todos os espaços de poder que são mantidos por outros homens e o caminho para uma mulher adentrar nesses lugares é longo e não inclusivo.

Em todos os ambientes, as mulheres trabalhadoras possuem dificuldades e especificidades, na música não é diferente, ainda segundo o Data SIM (2019), 60% das mulheres se queixaram de sobrecarga e dificuldade ao tentar conciliar o trabalho com filhos e o trabalho doméstico. Assim, é mantido um sistema excludente e sexista, uma vez que as mulheres que conseguem romper esse sistema sofrem consequências advindas dessa estrutura patriarcal e as mães acabam tendo tripla jornada de trabalho.

## 1.1 Composição da pesquisa

A partir da compreensão dessas questões, indagamos: como uma reportagem, veiculada em um site, sobre mulheres *roadies* pode mostrar a existência de uma estrutura patriarcal nessa profissão? Em todo o Brasil, técnicas de palco já debatem

a necessidade de ampliar a profissionalização de mais mulheres nessa área. Aos poucos, os grupos dessas trabalhadoras vão se estruturando e crescendo, pois esses debates geram uma maior visibilidade para essa profissão e para as questões da relação de gênero nele incluso.

Então, outras mulheres terão conhecimento de que é possível adentrar nesse mercado e superar imposições machistas. Quanto mais profissionais na música trabalhando e se organizando, maior será o poder de cobrança sobre os grandes eventos para fins de contratação, rompendo uma bolha social e política.

A reportagem que complementa este trabalho, veiculada no site “[www.tecnicasdepalco.com](http://www.tecnicasdepalco.com)”, retrata o perfil de seis mulheres *roadies*. Dentre elas, duas são de São Paulo, uma de Curitiba, uma de Minas Gerais — atuante em Caruaru — e duas de Recife. Assim, houve um comparativo entre as regiões de diferente desenvolvimento econômico, gerando uma análise sobre as formas que a estrutura patriarcal se apresenta de acordo com a localidade. Entretanto, por mais que se apresente de formas diferentes, a raiz do problema é a mesma.

Para compreender o problema e chegar a uma conclusão viável sobre a hipótese levantada, realizei entrevistas semiestruturadas *online*, a fim de ter um equilíbrio sobre o resultado e por questões de logística e distância de algumas entrevistadas, além da pandemia da Covid-19 ainda recorrente.

Após o resultado das entrevistas, criei uma reportagem com os perfis das entrevistadas para entender a forma com as quais as facetas do patriarcado se apresentam na técnica de palco e concluir, o que já era esperado desde o início, que faz-se necessário um questionamento sobre o machismo, a fim de criar um ambiente de trabalho que seja mais seguro para todas as mulheres.

## 2 OBJETIVOS

### 2.1 Objetivo geral

- Analisar, através de uma reportagem veiculada em um site, como o trabalho das mulheres *roadies* é atravessado de maneira estrutural por violências de gênero.

### 2.2 Objetivos específicos

- Levantar informações sobre a área da música e a cena de mulheres na organização da técnica de palco no Brasil;
- Analisar, através das entrevistas, as formas que a estrutura machista e patriarcal se apresenta no cotidiano profissional dessas mulheres.
- Registrar, em um site, uma reportagem com as mulheres técnicas de palco, apresentando os relatos obtidos nas entrevistas;

### 3 JUSTIFICATIVA

Além das questões evidenciadas anteriormente, o trabalho da técnica de palco também carrega outros problemas, como carga horária em excesso e a informalidade.<sup>5</sup> Uma das maiores dificuldades que encontramos para o desenvolvimento das atividades é o cansaço extremo, estresse e a má alimentação, que geram problemas de saúde.

Não obstante, nessas questões há a negligência das leis trabalhistas que fecham os olhos para tornar esse trabalho vigente com a própria legislação e seguro, pois o palco é um dos lugares mais perigosos de se trabalhar devido à grande quantidade de energia necessária para ligar os aparelhos e os equipamentos, que também são perigosos de manusear.

Além da problemática quanto à invisibilidade do trabalho, ele também é visto de forma masculinizada e tratado apenas como trabalho para homem. Assim, tudo é pensado e estruturado para o homem cisgênero, desde equipamentos até a logística do *backstage* que não atende nem a necessidade de um banheiro adequado para uma mulher. Isso contribui para a dificuldade das mulheres em adentrar nos espaços de trabalho que desejam.

Na minha experiência como *roadie* e como mulher, as relações com os demais trabalhadores foram afetadas diversas vezes pelo machismo, não só no contexto de assédio, mas também no contexto da dúvida de que uma mulher pode exercer aquele papel e da pressão psicológica nas perguntas e afirmações dirigidas a mim.

Somos sempre vistas como a companheira de alguém e nunca como técnicas, isso invisibiliza não só nosso trabalho, mas também a pluralidade existente na orientação sexual de cada pessoa. Os homens sempre estiveram nesses espaços, mas as mulheres não, pois tiveram direitos negados durante muitos anos, e serviram de estepe para os homens trabalharem e para as igrejas cristãs alinharem os seus próprios interesses.

Nessa pesquisa acompanhei, através de entrevistas, seis mulheres técnicas de palco que relataram suas histórias e experiências nesta área do trabalho. Assim, criei

---

<sup>5</sup> De acordo com o IBGE (2019), 41,4% da população brasileira ocupada se encontrava no trabalho informal, mas durante a realização desse trabalho o mundo estava atravessando uma pandemia causada pela COVID-19, um vírus de extremo contágio, e o IBGE (2020) registrou o número de 10,9 milhões de desempregados no Brasil, provocando uma alteração na informalidade devido ao isolamento social;

um site para veicular uma reportagem com os perfis dessas profissionais, sendo então o único site a trazer essa discussão com mais aprofundamento, visto que não existe nenhum ambiente online com essa perspectiva.

As mulheres técnicas de palco não possuem um espaço para discutir suas questões e até se verem representadas nas histórias das outras trabalhadoras, então proporcionar essa discussão é necessário para que outras mais possam compreender que aquele lugar também pode ser dela e deve tornar-se um ambiente com respeito e pluralidade.

Acreditando nisso, estudei as relações de trabalho e gênero numa sociedade patriarcal, fazendo uma comparação com a realidade de Pernambuco, São Paulo e Curitiba, e indago como o patriarcado atravessa o trabalho das mulheres *roadies*.

Espero que essa pesquisa possa fortalecer e contribuir para uma maior visibilidade dessa profissão e para as mulheres que estão ocupando e lutando pelos poucos espaços existentes. Espero que possa validar, de alguma forma, a existência de exponencial importância dessa profissão em âmbito acadêmico e também indicar fatores sociais sobre gênero e trabalho não só voltado a essa área específica, mas nas demais profissões masculinizadas pelo patriarcado que diariamente desemprega mulheres por todo o mundo.

## 4 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada a partir de uma metodologia qualitativa, uma vez que a situação abordada não compreende números enquanto fator resposta ao problema de pesquisa. “A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado.” (MINAYO, 2002, p. 21-22).

Além disso, ainda segundo Minayo (2002), a pesquisa qualitativa trata um universo de significados, que vai de crenças e comportamentos e até detalha algo mais profundo. Dessa forma, os números não teriam capacidade de transformar esses significados em uma compreensão de relações sobre o social.

De acordo com Richardson (2012), a observação qualitativa é fundamental na explicação do funcionamento das estruturas sociais e que essa metodologia pode

descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. (RICHARDSON, 2012, p. 80).

Dessa forma, o presente estudo se caracteriza na observação qualitativa, pois analisar os fatores que apontam a sólida existência do machismo (e, assim, do patriarcado) no trabalho das mulheres *roadies* é buscar compreender os significados impressos nos relatos das entrevistadas. Também compreende o funcionamento de uma estrutura social e a subjetividade presente nos fatores de gênero, desigualdade e trabalho.

Para compreender o dia a dia de trabalho dessas mulheres, foram realizadas todas as seis entrevistas semi-estruturadas e *online*, pois a entrevista “é um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social.” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 195)

Devido ao contexto ainda presente da pandemia no Brasil, o método *online* foi necessário para a segurança da saúde de cada participante. Ao entrevistar percebi que o *online* não é um impeditivo para que a apuração ocorra de forma bem sucedida, uma vez que até no presencial há limitações. “Possibilidade de o entrevistado ser influenciado, consciente ou inconscientemente, pelo questionador, pelo seu aspecto físico, suas atitudes, idéias, opiniões etc.” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 198).

A plataforma utilizada para a realização das seis entrevistas foi o *Google Meet*, que tem áudio e vídeo, então foi possível ver as entrevistadas por videochamada, o que permitiu um contato maior e melhor, uma vez que é possível perceber outros aspectos que vão além da escrita de uma resposta, eles perpassam por tom de voz e expressões faciais que ajudam na dinâmica de entender o contexto de cada fala.

Foram entrevistadas seis mulheres *roadies* com mais de dois anos de experiência. Em Pernambuco a escolha se deu a partir de profissionais que trabalham no Agreste Pernambucano e na Região Metropolitana do Recife. Em São Paulo, as duas são moradoras da capital, para fazermos uma comparação da realidade de trabalho desses lugares, já a roadie que mora em Curitiba tem diversos trabalhos no eixo Sul e Sudeste.

Os dados das entrevistas passaram por uma análise que aponta a frequência de repetição das situações relatadas. Isso gera um parâmetro de como o machismo se apresenta e quais suas formas. Foi analisado também se a opressão aparece de modo demasiado ou nas entrelinhas, uma vez que o contexto patriarcal possui diversos graus de violência e pode variar a partir do desenvolvimento econômico de cada região.

Realizei uma pesquisa básica estratégica, já que a existência de assuntos e dados sobre *roadies* é quase nula. A partir disso, produzi conhecimento acerca das mulheres nesse mercado de trabalho, o que pode contribuir para o avanço e desenvolvimento da ciência, especialmente a social e para abrir caminhos para a realização de mais pesquisas sobre esse assunto.

Essa pesquisa tem caráter descritivo exploratório, uma vez que retrata opiniões acerca de relações sociais e questões emocionais dos indivíduos. “São incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população.” (GIL, 2002, p. 42). Além disso, Gil ainda declara que algumas das pesquisas descritivas pretendem compreender a natureza de uma determinada relação.

Já o caráter exploratório da pesquisa encontra-se na pesquisa de campo, pois me integro tanto na profissão a ser relatada, quanto nas características das entrevistadas. De acordo com Gil (2002), o estudo de campo pode retratar uma comunidade de trabalho. “Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes

para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo.” (Gil, 2002, p. 53).

Já para Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa exploratória tem uma finalidade empírica e retrata três questões, o desenvolvimento da hipótese, espreitar a familiaridade do pesquisador com o assunto para que futuramente haja mais frutos da pesquisa e deixar evidente o conceito a ser tratado. “Uma variedade de procedimentos de coleta de dados pode ser utilizada, como entrevista, observação participante, análise de conteúdo etc.” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 188).

Além disso, a pesquisa de campo, segundo Marconi e Lakatos (2003), tem interesse voltado para o estudo de indivíduos, grupos, comunidades, instituições e outros campos, visando à compreensão de vários aspectos da sociedade. Ou seja, o levantamento de depoimentos acerca do problema de um grupo tem como objetivo compreender os aspectos sociais.

Dessa forma, a presente pesquisa contou com entrevistas tanto estruturadas quanto despadronizadas, pois, segundo Marconi e Lakatos (2003), a entrevista padronizada deve seguir um roteiro que foi pré estabelecido, dando uma maior facilidade na caracterização dos dados obtidos. Já a entrevista não-estruturada “tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada.” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 197).

Com esses métodos de análise, cheguei a uma resposta sobre a existência de uma estrutura patriarcal na técnica de palco, bem como entendi que essa existência afeta o desenvolvimento das mulheres na hora do trabalho.

## 5 O SITE

Depois de compreender como funciona o trabalho das mulheres *roadies*, precisei definir o que aconteceria com as informações e como reuni-las em um só lugar. Optei pela criação de um site, já que não existe nada voltado exatamente para debater questões do mundo da técnica de palco.

Essa criação também se deu a partir da necessidade de colocar no mundo uma pesquisa sobre uma profissão que é pouco reconhecida e sendo sobre mulheres, é ainda mais difícil de encontrar.

O site ([www.tecnicasdepalco.com](http://www.tecnicasdepalco.com)), é uma criação feita para veicular os perfis das seis mulheres entrevistadas, em forma de reportagem, para afirmar as interrogações que levantei nessa pesquisa. Essas entrevistas respondem a diversos questionamentos que tive durante o processo de construção do pensamento sobre trabalho e gênero. O site também é um espaço para futuras divulgações de cursos, oficinas, eventos e ações que possam contribuir para a área de trabalho dessas mulheres, gerando um mapeamento de profissionais por cidade e estado.

Temos uma matéria de abertura, mais os seis perfis das mulheres que entrevistei, a Appolonia Carraro, de Curitiba; Beatriz Paiva (Bia Wolf), de São Paulo; Carolina Doro (Carol Doro), de São Paulo; Júlia Andrade, de Recife; Priscila Wetter (Cika), de Minas Gerais e com atuação em Caruaru; e Thaís Barreto, de Recife. Também conto um pouco sobre o meu contato com esse mercado da música, o que foi importante para o interesse nesse assunto e profissão.

Cada mulher que faz e refaz história no mundo traz uma bagagem de perseverança, especialmente as pioneiras de cada profissão. Assim, reunir detalhes sobre a jornada dessas mulheres, significa registrar para o mundo a importante passagem delas na construção de um mundo justo e igualitário, onde o gênero não será princípio norteador para definir o sucesso da execução de um trabalho.

## 6 REPORTAGEM

Durante as entrevistas, as seis *roadies* se dispõem a falar sobre dores e dificuldades no processo de viver o mundo da música e da cultura. Não é fácil viver de arte no Brasil, especialmente no contexto da pandemia da Covid-19 — falo no próximo capítulo — que expõe a fragilidade da uma cadeia da música e da cultura que, apesar de movimentar milhões de cifras, não tem assistência aos trabalhadores e trabalhadoras.

Não há show sem o trabalho de uma série de pessoas que estão ali para complementar as funções uns dos outros. As entrevistas, que entendo como diálogos pela troca tão generosa e humana que se estabeleceu, reforça o que Medina (1986) traz sobre a humanização e o contato interativo da fonte de informação e do repórter.

Sua maior ou menor comunicação está diretamente relacionada com a humanização do contato interativo: quando, em um desses raros momentos, ambos — entrevistado e entrevistador — saem "alterados" do encontro, a técnica foi ultrapassada pela "intimidade" entre o EU e o TU. (MEDINA, 1986, p.7).

A autora ainda defende a ideia de que a sensibilização pelo fato advém de algo em comum, seja no conceito ou pela empatia com o entrevistado, pois "fez-se luz em certo conceito ou comportamento, elucidou-se determinada autocompreensão ou compreensão do mundo. Ou seja, realizou-se o Diálogo Possível." (MEDINA, 1986, p.7).

A reportagem se concentra em um diálogo com cada participante, pois a veiculação dessas histórias não possui a finalidade de trazer a espetacularização das narrativas contadas, como outros tipos de perfis do jornalismo podem se apropriar, mas se caracteriza por ser algo que "mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos e histórico de vida." (MEDINA, 1986, p.18).

Essas histórias trouxeram as vivências dessas mulheres a partir da perspectiva estrutural de cada fato, assim, a pesquisa responde a várias indagações pela repetição de fatos que ocorrem independentemente do lugar em que as trabalhadoras se encontram e atuam.

Assim, trazer os perfis foi a melhor forma de situar tantas vivências, fatos e questões acerca do mundo do trabalho, além de facilitar a realização das comparações entre as diferenças e semelhanças nos relatos. Grande parte da sensibilidade da minha escuta também vem da minha identificação com a profissão e

das vivências pessoais no exercício do trabalho em questão.

A criação dos perfis das entrevistadas foram humanizados, pois são feitos, segundo Medina (1986), a partir da fuga da objetividade, uma vez que o repórter também não pode omitir o seu próprio real e imaginário. “Por mais distanciamento que se imponha ao lidar com outro ser humano — o entrevistado —, não se evitará nunca a interferência do eu subjetivo do entrevistador.” (MEDINA, 1986, p.44).

O meu envolvimento com a profissão trouxe um repertório que ajudou no desenvolvimento das narrativas no decorrer da entrevista. “Ao mesmo tempo, eu aprendo como me comportar diante da abertura e certamente serei eu também exigido para me abrir, me colocar no tema do diálogo.” (MEDINA, 1986, p. 45).

Ainda segundo a autora, o jornalismo tem o domínio do que é real e aparente, dessa forma, deixo evidente que o meu repertório sobre o assunto central das entrevistas é longo. Esse repertório apenas intensificou a criação de laços que afloraram um espaço de abertura para contar algumas vivências que foram mais delicadas e surgiu a partir de uma identificação com o ser mulher e ser *roadie*.

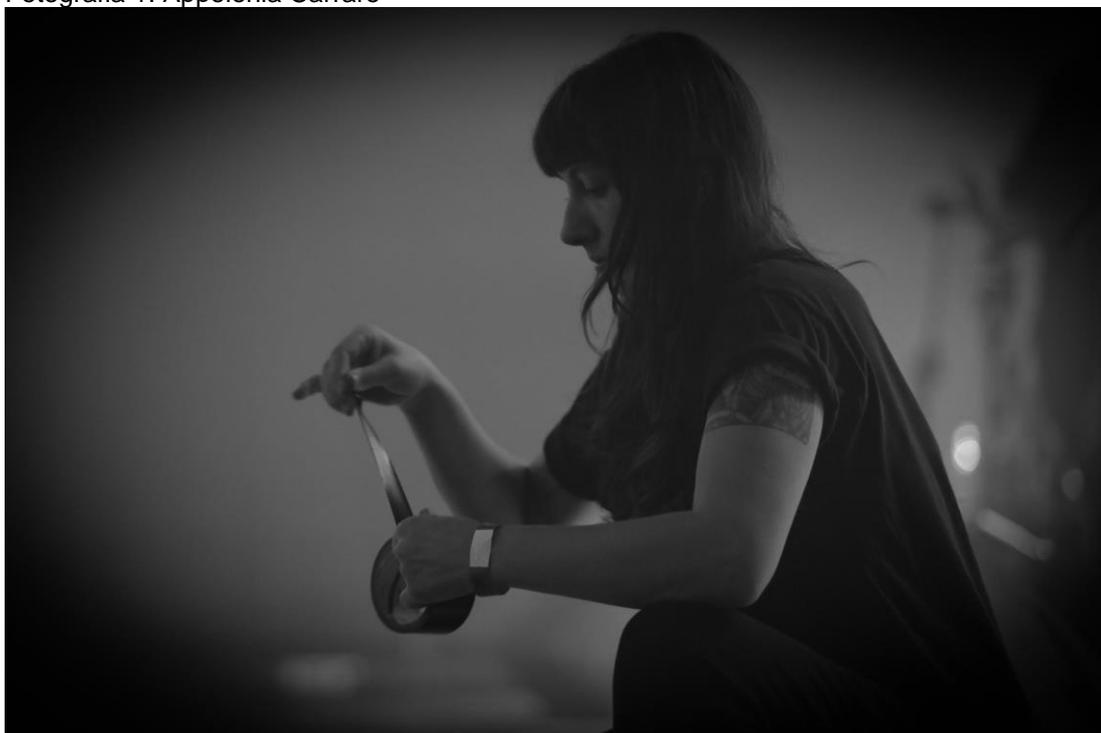
Por fim, escolher os perfis humanizados para colocar as entrevistas nesse formato jornalístico é que “o estilo pergunta e resposta, poderá também ser utilizado em certos perfis, em que a riqueza dos conteúdos verbais se destaca.” (MEDINA, 1986, p. 57). Assim, cada diálogo se destacou por sua riqueza e, sem dúvidas, os perfis humanizados trouxeram a opulência dos diálogos.

## 7 AS ENTREVISTADAS

Conversando com cada entrevistada, percebo que muitas respostas delas possuem o mesmo teor, ou que as histórias se repetem de diversas formas. Algumas lidam de um jeito mais brando e outras com mais autoridade em cada situação, mas o sentimento interior e psicológico é o mesmo: racionalizando o trabalho, mas com certa revolta de ter que enfrentar uma estrutura que é prejudicial em todas as suas escolhas de vida.

Antes de tudo, vamos conhecer um pouco de cada entrevistada, algumas possuem nomes artísticos que estarão sinalizados e é com eles que iremos tratá-las.

Fotografia 1: Appolonia Carraro



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada.

Appolonia Carraro é curitibana, tem 28 anos e trabalha como *roadie* e *luthier*<sup>6</sup>. Ela iniciou suas atividades na música aos 16 anos, onde fez o curso de áudio do Instituto de Áudio e Vídeo (IAV). Produziu o programa Social Rock, na rádio 91 rock FM e cursou *Lutheria*<sup>7</sup> na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Já participou de diversos projetos como Artesanias Caiçara, de salvaguarda do Fandango. Além disso,

---

<sup>6</sup> Nome designado aos profissionais que consertam e constroem instrumentos musicais.

<sup>7</sup> Nome designado ao curso para tornar-se *luthier*

começou a exercer a função de *roadie* com a banda Mulamba e fez os palcos para artistas e bandas como Ana Cañas, Tuyo, Francisco el Hombre e trabalhou em festivais como Bananada e Mimo. Também foi operadora de som na Casa do Mancha, em São Paulo e atualmente possui o seu próprio atelier de *Luthieria*<sup>8</sup>.

Fotografia 2: Bia Wolf



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada.

Beatriz Paiva (Bia Wolf) é de São Paulo, tem 30 anos, é engenheira de som, diretora de palco e *roadie*. Ela é formada, desde 2014, em Fundamentos de Áudio e Acústica pelo IAV, de São Paulo e em 2015, devido ao seu bom desempenho, foi chamada pelo IAV para exercer a função de Monitora em um contrato de oito meses, onde ministrou diversas aulas de montagem e operação de sistema de som. Entrou como parte da equipe da banda Nervosa Thrash, na função de *roadie* e técnica de

---

<sup>8</sup> Nome designado ao local onde o *luthier* trabalha, ao atelier.

som. Em dois anos com a banda, viajou para diversos países da América Latina e vários estados do Brasil. Viajou pelo Brasil inteiro com a banda *Torture Squad*, na função de técnica de P.A<sup>9</sup> em uma turnê de 34 dias e 28 shows. Trabalhou em festivais como Bananada, Timbre, DoSol, Carambola, SIM São Paulo, Psicodália e em conjunto a bandas e artistas como Glenn Hughes, Napalm Death, Cumbia All Stars, Tom Zé, entre outros. Já promoveu diversos workshops em vários estados e atualmente é técnica de som da banda Mulamba, *roadie* e diretora de palco da Francisco el Hombre e *roadie* de Ana Cañas.

Fotografia 3: Carol Doro



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada.

Carolina Doro (Carol Doro) é de São Paulo, tem 38 anos, atua desde 2016 como *roadie*, mas é bacharela em Fotografia e Pedagogia. Carol atua como *roadie* para diversos artistas, festivais e instituições, desenvolvendo funções como *drumtech*<sup>10</sup>, montagem, microfonação e assistência em estúdios. Além disso, tem uma empresa chamada Duende dos Cabos, que é voltada para os serviços de cursos de montagem e manutenção de cabos *handmade*<sup>11</sup> para áudio. Também é formada pelo

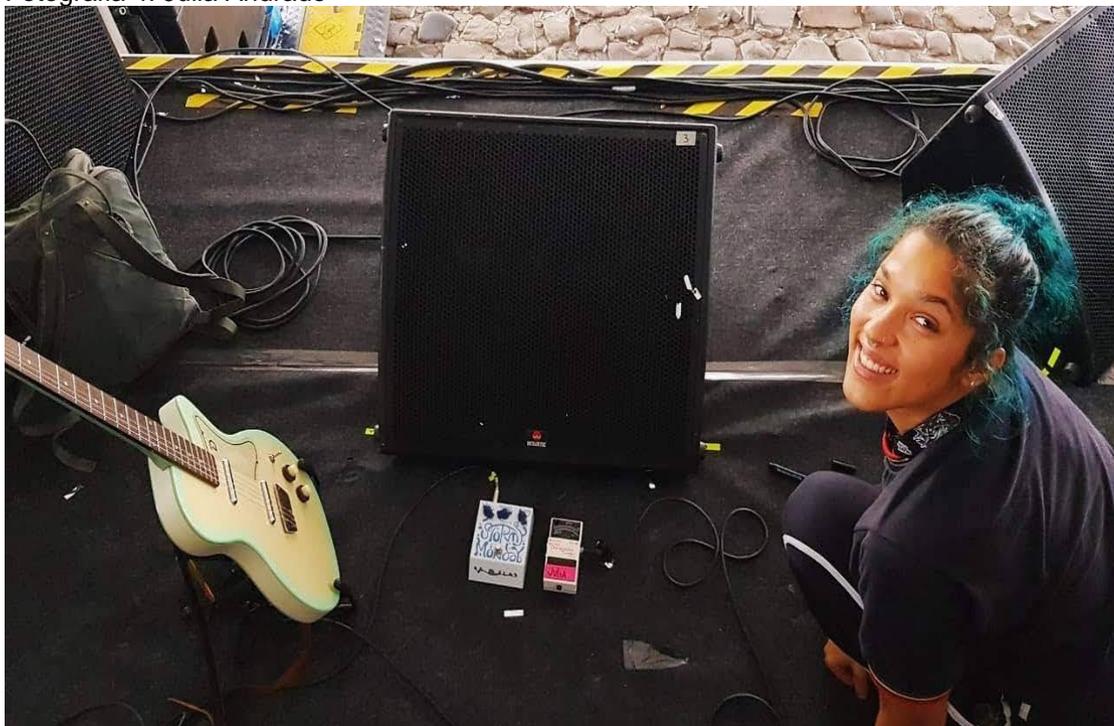
<sup>9</sup> Técnica de *Public Address*, significa ser técnica de todo sistema de som que se destina a platéia.

<sup>10</sup> Nome designado ao *roadie* que se especializa com mais aprofundamento na área de baterias.

<sup>11</sup> Cabos feitos à mão.

IAV, com complementos dos cursos de eletrônica básica para pedais de efeito e curso básico de *lutheria*. Trabalhou com artistas como Gaby Amarantos, Liniker, Alice Caymmi, Xênia França, Aíla e Papisa e em festivais como Bananada, SIM São Paulo e Virada Cultural.

Fotografia 4: Júlia Andrade



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada.

Júlia Andrade é de Recife, é produtora, *roadie* e técnica de som graduada em Produção Fonográfica pela Faculdades Integradas Barros Melo (Aeso). Atua profissionalmente desde 2015 e na sua trajetória com *roadie* integrou equipes técnicas de festivais como Pré Amp, Sonora Olinda, Câmbio Sonoro, Guaiamum Treloso Rural, No Ar: Coquetel Molotov, Porão do Rock (DF) e Porto Musical. Já trabalhou para artistas, bandas e espetáculos como A Dita Curva, Três Amazônias, Fim de Feira, Casas Populares da BR-232, Nando Cordel, Chico César, Siba e Cascabulho. Como técnica de som integrou a equipe do festival Elas por Elas e desde 2018 atua no Coletivo Nativa, grupo de mulheres profissionais atuantes do mercado de cultura de shows e eventos de Pernambuco.

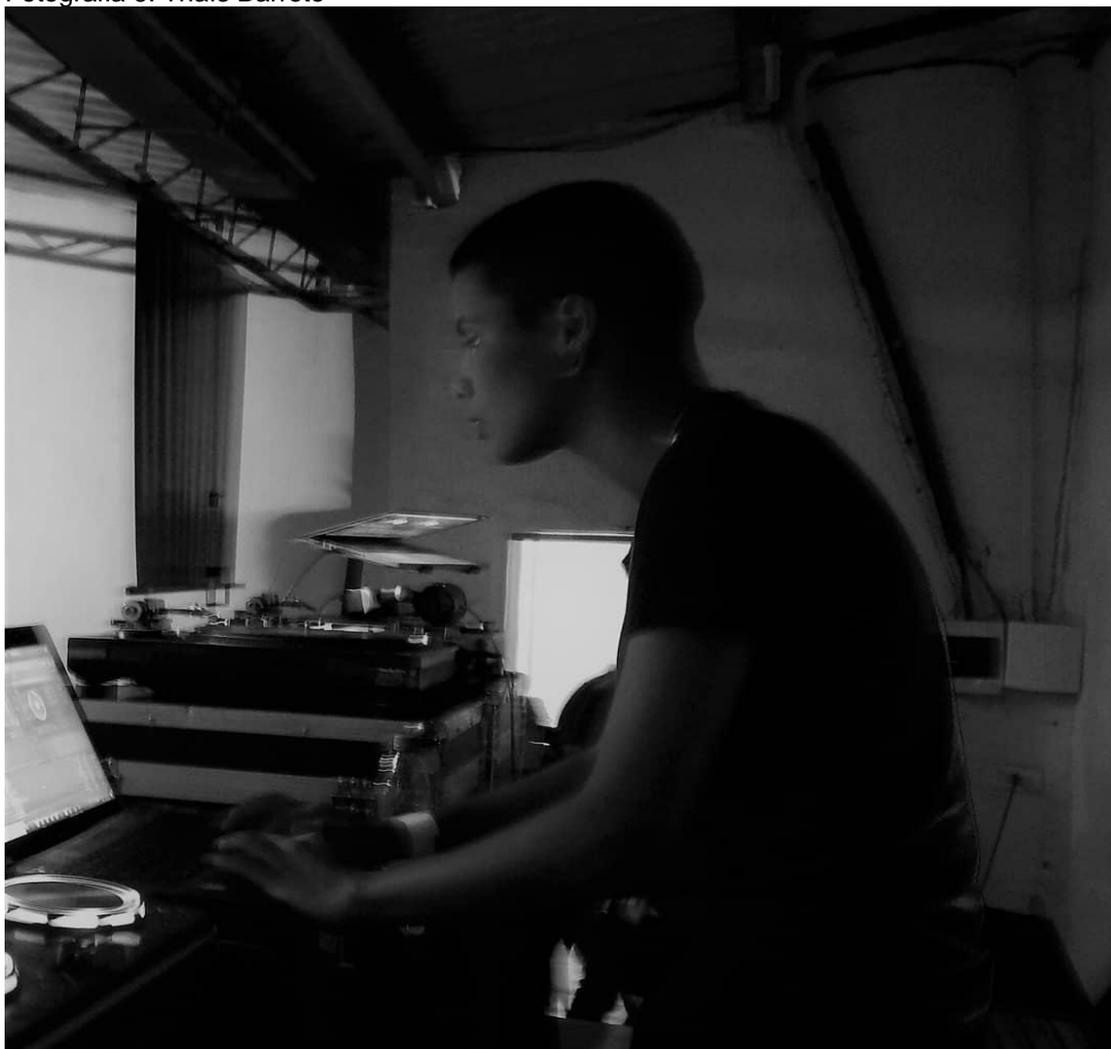
Fotografia 5: Cika Favel



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada.

Priscila Wetter (Cika Favel), tem 35 anos e é natural de Belo Horizonte (MG). Ela trabalha com produção cultural e como *roadie*, iniciou em 2018 através da oficina de formação desenvolvida pela empresa Virada de Palco em parceria com a Prefeitura Municipal de Caruaru. Após o curso, estagiou nos palcos do São João de Caruaru, chegando a ser contratada para o palco principal. Também trabalhou no MotoFest Caruaru em 2019 e no Gravatá Jazz Festival em 2020.

Fotografia 6: Thaís Barreto



Thaís Barreto tem 25 anos, é recifense, artista e atua como *roadie*, produtora fonográfica e técnica de som. É pesquisadora de paisagem sonora na sua graduação de Geografia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Iniciou seu trabalho no audiovisual, compondo equipe como assistente no filme de Déa Ferraz. Além disso, foi técnica de som em filmes de Luci Alcântara, *Charque Attack* e *Subverso LAB*. Atuou também como produtora, técnica e DJ para o grupo *8.0.8 crew*, levando performances a palcos como *Abril pro Rock* e *No Ar: Coquetel Molotov*, onde também atuou como *roadie*. Também já compôs a equipe técnica de Vinicius Barros, Karla Gnom, Duda Beat, MC Clé, *Carnaval do Recife*, *Aqualtune Produções* e *Festival de Cultura Negra do Recife*.

## 8 PREFIRO QUEIMAR O MAPA, TRAÇAR DE NOVO A ESTRADA

Entre histórias de dores, lutas e coletividade, os signos e significados de cada fala dão lugar a diversos questionamentos sobre a estrutura patriarcal e apresenta um manual não escrito de estratégias de enfrentamento ao machismo. Esse manual é sobre os olhares entre as mulheres que traduzem a existência de uma resistência, sob a ótica de quem sobrevive a anos sendo massacrada pelo sistema. O olhar de uma mulher, que pode ser sobre cansaço, alerta ou empatia, atravessa a alma só de quem já viveu algo igual ou parecido.

As seis entrevistadas, sem hesitar, afirmaram que a existência da desigualdade de gênero e da influência masculina sob a profissão é prejudicial no desenvolvimento de suas atividades no dia a dia de trabalho. A partir desse primeiro momento, foi possível compreender diversos assuntos em comum, dentre eles, a consciência de classe, a necessidade da coletividade, a compreensão de mundo acerca dos espaços de poder, as jornadas de vida da mulher e o enfrentamento ao assédio e a possibilidade do não silenciamento em situações opressivas.

### 8.1 A naturalização do machismo

Ao trazer reflexões sobre os problemas inseridos nas relações entre gênero e trabalho, é importante salientar que um grande passo para o reconhecimento dessas questões é a compreensão de que não se deve naturalizar essas posições que são colocadas ao ser mulher. Essa ideia é uma das principais lutas que o feminismo trouxe:

É o feminismo que emerge nos anos 60 que traz o questionamento radical da forma como as relações sociais estão estruturadas. As análises feministas a partir daí têm desconstruído a naturalização das relações hierárquicas entre os sexos e apontado caminhos e meios para sua superação. (ÁVILA, 2005, p.52).

Sendo assim, a entrevista foi iniciada para entender de que forma essas trabalhadoras enxergam o machismo e o debate sobre gênero no ambiente profissional.

Quem tá ali sabe que existem muito mais profissionais homens. A estrutura é totalmente masculina de se pensar num evento, acho que agora com a ausência de shows físicos teremos que repensar as formas dos shows acontecerem. Pode ser que isso mude, mas com certeza é masculino, até porque na fase de montagem da estrutura não se vê mulheres [...]. Você se

sente um pouco mais 'acuada' de entrar em um espaço que só tem homens. (Appolonia, informação verbal).<sup>12</sup>

No IAV eu lembro dos professores terem comemorado uma sala que teve cinco mulheres. [...] a área do backstage é um ambiente com bastante pressão, pra homens também, só que para as mulheres têm algo a mais, porque de repente você pode ser descredibilizada. Seja porque a equipe técnica não achou que você era a roadie e às vezes acontece uma apreensão. Comigo aconteceu de várias vezes eu começar meu trabalho e a pessoa querer explicar uma coisa óbvia e é óbvio que se eu estou exercendo essa função, é porque eu sei. (Bia, informação verbal).<sup>13</sup>

Em todos os lugares tem o machismo de forma subjetiva, que é o que me incomoda mais. [...] Acho que um ponto importante é essa representatividade, de você olhar algo e achar que não é pra você, isso tá colocado subjetivamente. Já é tenso você chegar e ser uma das poucas mulheres do rolê, até porque essa tensão triplica porque se você fizer uma coisa errada, você tem um nome e por ser a única mulher, é fácil de identificar. É muita insegurança de você não querer errar por medo de ser massacrada. (Carol, informação verbal).<sup>14</sup>

Pela questão estrutural da gente viver numa sociedade que acredita que um gênero pode fazer determinadas coisas que outro gênero não pode em relação a força. Em palcos que costumam ter profissionais que não conhecem o coletivo Nativa, acontece de terem uma postura de ficarem explicando as coisas o tempo todo, mas à medida que a gente vai conversando, vai se estabilizando. São pequenas situações, mas a união vai blindando a pessoa, de certa forma, de lidar com essas situações negativas. [...] eu disse três vezes pra uma pessoa que eu sabia como fazer a microfonação do caixa, a pessoa só aceitou quando eu falei na terceira vez, alto e claro na cara dela, pra poder ela me dar a possibilidade de executar o que eu tava lá pra fazer. (Júlia, informação verbal).<sup>15</sup>

Acho que essa desigualdade, a princípio, vem de verem que é uma mulher e não darem o crédito, sempre acham que é alguma 'ajudante', então eu sentia isso, se fosse com homens, não ia ter esse questionamento. Quando é mulher, colocam a gente como inferior. Os olhares também, de receber mais olhares por ser mulher, talvez se fosse um homem, passaria despercebido. A mulher é sempre subestimada, então eles têm o poder de decisão de dizer que equipe que eles vão montar. Para um festival, sempre o poder de decisão está com os homens. [...] no São João de Caruaru toda a galera que faz direção de palco é homem, será que não tem mulheres capazes pra fazer? Mas as lideranças geralmente são homens e nessa área não é diferente. (Cika, informação verbal).<sup>16</sup>

É uma das dores que eu sofro, uma das dores que acolho minhas amigas. Hoje em dia é mais corriqueiro falar sobre isso, porque a gente já convive e já se olha nos olhos sabendo que aquela dor tá ali implícita naquele olhar. Acho que foi uma profissão criada por homens, então ela ignora muitas coisas que fazem parte do viver da mulher. Por exemplo, subentende-se que o homem vai ter disponibilidade para voltar para casa sozinho às 3 da manhã. Para uma mulher isso é sem condições, é inviável, para uma mulher mãe,

---

<sup>12</sup> Entrevista concedida *online* através da plataforma *Google Meet*.

<sup>13</sup> Entrevista concedida *online* através da plataforma *Google Meet*.

<sup>14</sup> Entrevista concedida *online* através da plataforma *Google Meet*.

<sup>15</sup> Entrevista concedida *online* através da plataforma *Google Meet*.

<sup>16</sup> Entrevista concedida *online* através da plataforma *Google Meet*.

mais ainda. Por ser mãe não vai trabalhar? Esse formato aí já diz que ali não existem mulheres e que não vai existir. Fora coisas simples, como um monitor que já entende que quem vai carregar é um cara grande. Acho que tudo foi criado por homens e tudo tem um formato masculino. (Thais, informação verbal).<sup>17</sup>

A partir disso já podemos observar que independente do lugar de trabalho, no Nordeste, Sudeste, e Sul, às situações parecidas já demonstram a existência da influência masculina e da desigualdade de gênero. É apresentado o machismo de forma subjetiva, que se oculta através de olhares, de falas ambíguas e até de atitudes passivo-agressivas. Há também a tentativa de descredibilização da mulher no momento em que esse tipo de atitude subjetiva é questionada, por isso se torna cansativo debater essas situações com quem a praticou.

## 8.2 Consciência de classe e a necessidade da coletividade

Segundo Hobsbawm (2005), a classe operária pode ter divisões, sejam elas naturais ou não, que causam rupturas no mundo do trabalho, mas não são frequentes, “exceto sob os pretextos de cor e de sexo, duas barreiras que, por serem tão invisíveis, são muito difíceis de serem ultrapassadas.” (HOBSBAWM, 2005, p. 86) Dessa forma, entende-se que a divisão de gênero e de raça tornou-se naturalizada devido a ser algo enraizado, e por vezes velado, na sociedade.

Em contraponto a essa naturalização da divisão de gênero no trabalho, Silvia Federici (2017) afirma que na Inglaterra, no período feudal, a questão da divisão sexual do trabalho não era tão exigente quanto no capitalismo: “todo o trabalho contribuía para o sustento familiar. As mulheres trabalhavam nos campos, [...] suas atividades domésticas não eram desvalorizadas e não supunham relações sociais diferentes das dos homens.” (FEDERICI, 2017, p. 53).

Voltando a Hobsbawm, a consciência de classe é algo natural que se torna visível a partir das condições de trabalho fornecidas

ficou historicamente comprovado que é difícil contestar e impedir a consciência de classe, já que ela surge natural e logicamente da condição proletária [...], isto é, o reconhecimento de que os trabalhadores como tais precisam organizar-se coletivamente contra os empregadores, a fim de defender e melhorar suas condições como trabalhadores assalariados. (HOBSBAWM, 2005, p. 88).

---

<sup>17</sup> Entrevista concedida *online* através da plataforma *Google Meet*.

Se essas conjunturas são vistas como um problema, as opressões sobre raça e gênero dentro do trabalho também surgem como uma barreira a ser debatida nos âmbitos dos coletivos que defendem melhores condições trabalhistas.

“Na montagem de estrutura tem os peões ralando muito, sem dormir e em condições precárias de trabalho.” (Appolonia, informação verbal).<sup>18</sup>

Em São Paulo as mulheres têm mais coletivos organizados, acho que isso ajuda a diminuir o machismo ou dá a sensação que diminuiu. [...] mas acho que se mudar isso, mudar esse cenário e ter mais representatividade, com certeza isso vai crescer de forma exponencial. Uma que fura essa bolha incentiva e puxa três. (Bia, informação verbal).<sup>19</sup>

Mesmo que haja uma opressão à classe trabalhadora não há uma unificação sobre esses problemas, pois se alguns grupos são oprimidos não só pelo trabalho, mas por sua cor e sexo, o peso opressor para esse indivíduo é maior. “As mudanças na composição social da classe operária podem ser divergentes, na medida em que elas perturbem os padrões sociais estabelecidos e permitam que as rivalidades na classe sejam influenciadas.” (HOBSEAWM, 2005, p. 87).

Ao supor um mesmo trabalho, trabalhadores brancos sofrem com a invisibilidade e negligência dentro do seu trabalho, mulheres brancas sofrem com a invisibilidade, negligência e machismo, homens negros sofrem com a invisibilidade, negligência e racismo e mulheres negras com invisibilidade, negligência, machismo e racismo. “Tudo isto sugere que a consciência da classe operária, embora seja inevitável e essencial, provavelmente é politicamente secundária quanto a outras espécies de consciência.” (HOBSEAWM, 2005, p. 91). Sobretudo, faz-se necessário discutir a consciência de classe dentro do trabalho em conjunto com as pautas identitárias.

No coletivo a gente pensa que a mãe precisa do momento dela de se capacitar, precisa se aprimorar para o mercado. Então pensamos em como podemos fazer para as mulheres mães poderem estar dentro desse meio de atividade.[...] é preciso se aliar, fazer os trabalhos em conjunto, trocar uma ideia. (Júlia, informação verbal).<sup>20</sup>

Essa coletividade que se constrói traz o que cito sobre o manual não escrito de sobrevivência das mulheres, porque chega até as suas individualidades e questões, abraçando as diferenças para chegar até algo em comum. É necessário pensar raça, maternidade e sexualidade ao pensar gênero e buscar a inclusão para debater cada

<sup>18</sup> Entrevista concedida online através da plataforma *Google Meets*.

<sup>19</sup> Entrevista concedida online através da plataforma *Google Meets*.

<sup>20</sup> Entrevista concedida online através da plataforma *Google Meets*.

raiz da estrutura patriarcal. Sem mulheres pretas, mães, periféricas, lésbicas, bissexuais e transsexuais, não se constrói uma frente definitiva de combate ao patriarcado.

### 8.3 Uma sobe e puxa a outra

Citei a construção da coletividade pensada pelas mulheres através das suas necessidades, mas o que também se repete nos relatos são os espaços que outras mulheres abrem umas para as outras. Por isso, é necessário a abrangência das necessidades específicas, dado ao contexto de vida de cada mulher. Por exemplo, várias produtoras de grandes festivais são mulheres brancas de classe média, isso a coloca na frente de quem possui outras questões como raça e classe, que fazem diferença na nossa sociedade.

A partir disso, o papel dos debates para a inclusão de outras mulheres entra aqui, quando é necessário que as mulheres que conquistaram esses espaços, puxem outras contratando elas, trazendo cursos, oficinas, coisas que estão ao alcance e que possam contribuir para a construção de uma profissão que seja mais justa e inclusivas com as mulheres.

Em alguns relatos é possível perceber que os festivais, liderados por mulheres produtoras, são os que tomam iniciativas na criação de oficinas para a profissionalização das mulheres da técnica. Isso pode se relacionar com a questão de serem mulheres e terem a compreensão da necessidade de construir essa rede de apoio.

Quando saio do circuito Rio e São Paulo, diminui drasticamente a quantidade de mulheres técnicas de som e roadies. Isso foi o motivo de alguns festivais darem cursos gratuitos nessas áreas, o bananada foi um desses, com o intuito de incentivar mais mulheres a entrar na área. O festival Do Sol e o Carambola também. Inclusive a produtora do Carambola me chamou para fazer o P.A<sup>21</sup>, porque não tinha mulheres pra fazer. (Bia, informação verbal).<sup>22</sup>

Buscando compreender como era construída e retratada a imagem da mulher na história do trabalho através dos artistas homens, Hobsbawm (2005) acredita que os pouquíssimos desenhos existentes, retratando as mulheres proletárias, só foram realizados devido a influência socialista. “Por razões óbvias, a trabalhadora proletária

---

<sup>21</sup> *Public Address*, sistema de som que fica de frente ao público nos shows.

<sup>22</sup> Entrevista concedida *online* através da plataforma *Google Meet*.

não é muito representada pelos artistas, fora as das poucas indústrias onde a presença feminina era predominante.” (HOBSBAWM, 2005, p. 128).

A maioria dos artistas que trabalhei tinha, pelo menos, uma mulher como artista, mas quando eu comecei a trabalhar com a Mulamba e era só elas, era muito louco. A Mulamba são seis mulheres, mais a assessora de imprensa, produtora, técnica de luz, técnica de som e roadie, só mulher. A gente chegava em 11 mulheres, dominando tudo. (Appolonia, informação verbal).<sup>23</sup>

Quando eu fui para o Rio Grande do Norte eu fui recebida pelas meninas da Guria Produtora, eu me senti muito em casa e feliz de tá num lugar que tinham mulheres trabalhando e atendendo. Outra experiência foi o festival Elas por Elas, foi só mulher na técnica e produção. Então quando a gente tá num espaço cheio de mulher, essa questão de sofrer com machismo tem probabilidade muito baixa. (Júlia, informação verbal).<sup>24</sup>

Segundo Federici (2017), as mulheres na época feudal realizavam atividades em conjunto, isso foi uma maneira de fortalecer os laços entre elas a fim de conquistar, como um coletivo, direitos iguais em relação aos homens. Assim, muitas delas, em contrapartida às opiniões da igreja, criaram suas próprias comunidades para manter suas vivências fora do poder masculino. Elas também deram vida a grande parte do chamado “movimento herege”, mas muitas desse grupo foram queimadas na fogueira da inquisição.

Hoje, as mulheres ainda seguem se organizando em coletivos, como forma de obter direitos iguais. Entretanto, ainda há resquícios da igreja também na tentativa de retirar essa ideia de equidade e reforçando estereótipos da tradicionalidade quase impossível de se viver.

Nesse sentido da construção de espaços para as elas, Simone de Beauvoir (1970), afirma que os homens ocupam um maior número de lugares e os lugares mais importantes na indústria e na política, isso explica e exemplifica que “no momento em que as mulheres começam a tomar parte na elaboração do mundo, esse mundo é ainda um mundo que pertence aos homens.” (BEAUVOIR, 1970, p. 15).

E para Federici (2017), os homens trabalhadores foram cúmplices do processo de desigualdade de gênero, uma vez que eles tentaram manter seu poder enxergando as mulheres como uma ameaça ao seu trabalho. Além disso, “a divisão sexual foi, sobretudo, uma relação de poder, uma divisão dentro da força de trabalho, ao mesmo

---

<sup>23</sup> Entrevista concedida *online* através da plataforma *Google Meet*.

<sup>24</sup> Entrevista concedida *online* através da plataforma *Google Meet*.

tempo que um imenso impulso à acumulação capitalista.” (FEDERICI, 2017, p. 232).

Eu fui trabalhar no Festival de Inverno de Garanhuns, depois fui pra Santa Cruz do Capibaribe, bem longe e lá eu cheguei a passar uma situação de forma subjetiva, mas com outras palavras e insinuações. E é isso, tava só eu de mina e quanto mais você sai desse eixo, menos tem mulheres atuando. Talvez a diferença de São Paulo e de outros lugares sejam as oportunidades, das mulheres estarem envolvidas de alguma forma e de acesso pra estudo. Somos mais pessoas, talvez não dê pra os homens controlarem isso. (Carol, informação verbal).<sup>25</sup>

Em um festival a galera quis fazer uma equipe feminina, mas em um único palco que não tem tanta visibilidade por ser alternativo. Isso é suficiente? Me pareceu que fizeram mais para ganhar publicidade, do que realmente dar oportunidade. Porque não bota pelo menos uma ou duas em cada palco, né? Acho legal, mas não é o suficiente. [...] Sempre o poder de decisão está com os homens, eles decidem quem vão colocar num festival, então a gente precisa se fortalecer enquanto classe, aí os caras vão entender que precisam ceder esse espaço. (Cika, informação verbal).<sup>26</sup>

Como técnica de som, já aconteceu de bandas me contratarem para shows de cachê menor e com pouca estrutura e eu achava que a banda não tinha dinheiro e negociava 2 ou 3 shows. Aí diziam que era um bom trabalho, mas quando essa banda fecha um evento grande, com um cachê legal, a pessoa não me contrata e contrata um homem. (Bia, informação verbal).<sup>27</sup>

“Você faz uma parceria, apresenta seu trabalho, faz um valor mais baixo e já negociam mais baixo por ser o primeiro contato, mas você sabe que não vão te chamar de novo. E num rolê mais bem pago, contratam um homem.” (Thaís, informação verbal).<sup>28</sup>

Geralmente as pessoas dizem ‘olha, só tenho isso aqui e é só isso que posso dar’ ou ‘eu tenho só isso aqui, porque meu evento tá só começando e eu preciso que você chegue junto’, mas quando a situação melhora um pouco a pessoa contrata outra. [...] depois o festival cresce, chamam outras pessoas e pagam o que elas pedem, enquanto a gente, que fez por um valor baixo pra ser agregada, não é. (Júlia, informação verbal).<sup>29</sup>

Assim, é possível entender a necessidade do debate acerca dos espaços majoritários de poder do mundo da cultura, que são ocupados por homens. Se as diretorias e gerências de produções e eventos forem sempre ocupadas por homens, sem haver nenhum diálogo com as mulheres do setor, dificilmente os poucos espaços que temos continuarão nos pertencendo.

Ainda há a repetição dos fatos de contratarem as mulheres para shows que

<sup>25</sup> Entrevista concedida *online* através da plataforma *Google Meet*.

<sup>26</sup> Entrevista concedida *online* através da plataforma *Google Meet*.

<sup>27</sup> Entrevista concedida *online* através da plataforma *Google Meet*.

<sup>28</sup> Entrevista concedida *online* através da plataforma *Google Meet*.

<sup>29</sup> Entrevista concedida *online* através da plataforma *Google Meet*.

não pagam bem, com o pretexto de incluírem elas em outras oportunidades, mas quando chega o momento de algo maior, são as primeiras a serem escanteadas.

#### 8.4 “Como a pessoa tem coragem de falar isso pra alguém?”

A acumulação capitalista, para Federici (2017), se deve ao acúmulo de trabalho não remunerado que cai sobre as mulheres, explicando então como as mulheres têm jornadas duplas ou triplas de trabalho. Do emprego aos cuidados com a casa e com os filhos, essa sobrecarga se torna a ponta de lança para o capitalismo engendrar a manutenção de poder dos homens, pois enquanto elas ficam em casa nesse trabalho não remunerado, os homens ganham em seus empregos e ficam livres de obrigações tanto de casa quanto, os que são pais, com os filhos.

[...] a falta de acesso também, temos que fazer milhares de outras coisas. Quem somos nós que podemos parar ali o dia inteiro e se dedicar àquilo, né? Muitas vezes nós somos o suporte para que o outro se dedique aquilo que ele quer e você não consegue. Tem essas questões aí das funções que foram determinadas para as mulheres, isso pesa também. (Carol, informação verbal).<sup>30</sup>

Essa lógica só reforça as jornadas de trabalho que vão além da profissão em si, mas de toda sobrecarga em cima do que é ser mulher. Sem essa sobrecarga, é mais fácil conseguir se profissionalizar e se dedicar a algo.

Além de lidar com toda sobrecarga, as mulheres passam por situações de assédio, seja ele sexual ou moral. Isso dificulta ainda mais as relações no trabalho, especificamente a de confiança com outros homens, que passa a ser pouca ou nula. Isso acaba atrapalhando também o desenvolvimento da atividade, devido ao desconforto de estar ali. São danos irreversíveis que causam problemas psicológicos.

No final do século XV, Federici (2017) conta que houve uma legalização do estupro onde as proletárias foram vítimas da violência sexual por parte dos senhores e servos que destruíram e dificultaram a vida e a reputação dessas trabalhadoras. “A legalização do estupro criou um clima intensamente misógino que desagradou todas as mulheres, qualquer que fosse sua classe.” (FEDERICI, 2017, p. 104).

Acho desconfortável falar, mas além de ouvir piadinhas sobre sexualidade e outras questões homofóbicas, uma pessoa do trabalho falou algo horrível. Pra piorar eu não consegui reagir e fiquei me culpando. Ele me assediou

---

<sup>30</sup> Entrevista concedida *online* através da plataforma *Google Meet*.

sexualmente, foi um assédio verbal, mas sexual. [...] por eu não ser tão feminilizada pelos homens, eles se sentem no direito de fazer piadinhas comigo e é muito mais comum um assédio sexual mais direto. Eu fico escutando essas merdas e pensando como a pessoa tem coragem de falar isso pra alguém. Isso me tira do sério e me desconcentra algumas vezes. (Informação verbal).<sup>31</sup>

Esse clima misógino, citado por Federici (2017), é o que reflete os assédios sofridos no ambiente de trabalho. A manutenção desse pensamento, da estrutura patriarcal e da misoginia, advém também das posturas da Igreja Católica, esta que é uma instituição grande, poderosa e de forte interferência na sociedade.

Escrevo isso um dia depois da decisão da Igreja Católica de não abençoar uniões homossexuais. A partir disso, podemos perceber a influência da instituição na vida pessoal dos membros e na formação do pensamento de quem a frequenta e segue os seus dogmas.

Independente das pessoas homossexuais ligarem ou não para isso, esses assuntos acabam dando a entender a existência de algo errado. Isso pode enfatizar o problema das famílias em acolher as pessoas LGBTQIA+. Todas as histórias de envolvimento da Igreja Católica, desde a antiguidade, não vieram cercadas de reparações históricas que pudessem reduzir os danos causados pelas declarações.

Pedofilia, prostituição, misoginia e lgbtfofia, passa a ser vestido de um discurso bíblico na tentativa de abrandar as situações, mas, de forma direta ou indireta, incentiva a violência e a manutenção dessas estruturas. Assim, se torna mais difícil a discussão sobre alguns espaços não terem mulheres e quando tem, é tomado por machismo e falas que atrapalham e ferem.

## 8.5 Sobre não silenciar enquanto é seguro

Não é de hoje a busca das mulheres pela coletividade e por construírem elas mesmas seus próprios espaços. Isso se deve também a criação de ambientes de trabalho mais saudáveis, longe de misoginia e assédio. Na técnica de palco não é diferente, ao trabalhar em um lugar com mais ou com 100% de mulheres, arrumar um cabo no chão não vem carregado com a preocupação de que alguém vai ficar assediando. Sem essa preocupação, a mente se ocupa de detalhes no trabalho que

---

<sup>31</sup> Nome oculto

fazem diferença, então a existência dos coletivos traz como princípio a possibilidade de espaços assim e se ninguém abre espaço, nós mesmas iremos abrir.

Entre uma situação e outra, elas vão se blindando de formas diferentes, pois as situações machistas são tão comuns, que antes de ir ao trabalho, já é típico pensar em como lidar com essas situações. Em espaços que é seguro não silenciar, é preciso fazer um enfrentamento.

Um dos moleques disse ‘ô princesa, o que eu posso fazer para te ajudar?’, respondi: ‘Meu nome é Appolonia, se você precisar, me chama pelo meu nome, se você não lembrar, pergunte pra alguém. Mas desse jeito não rola, não é assim que a gente trabalha’. Você está num ambiente de trabalho sob tensão, precisa resolver sem gerar ruído. (Appolonia, informação verbal).<sup>32</sup>

“Minha personalidade é afrontosa, eu fico com vontade de provar o contrário quanto mais a pessoa duvida de mim. Talvez o que eu mais expressei foi raiva do que dizer que não consigo fazer mais aquele trabalho.” (Bia, informação verbal).<sup>33</sup>

Eu transformo o estresse e o incômodo em um gás, quanto mais duvidam eu falo ‘peraí, que agora eu vou dichavar isso aqui, vou falar uns bagulhos que você não vai nem entender’. O meu combate é o conhecimento, eu não quero permitir não poder estar lá por coisas desse tipo, eu quero que mais gente ocupe. Não compro a ideia de vazar se eu estiver mal, pelo contrário, eu quero estar nos piores lugares. (Carol, informação verbal).<sup>34</sup>

Eu prefiro não entrar em atrito com essas pessoas, dentro do palco lidar com piada misógina é difícil pra discutir com uma estrutura inteira. Eu tô lá pra trabalhar, se a pessoa não tá, o problema é dela. [...] eu deixo a pessoa no silêncio da piadinha sem graça. (Júlia, informação verbal).<sup>35</sup>

Estamos num ambiente profissional, eu quero ser profissional. Nada de ficar batendo papo. [...] nas situações de pressão eu me benefico do teatro, não deixo que o externo me influencie negativamente. Não me mostro vulnerável quando eu sei determinada coisa. (Cika, informação verbal).<sup>36</sup>

“Hoje eu me afirmo mais, me apresento bem. Meu palco não fica um transtorno. [...] Se em alguns lugares eu tenho que performar o que eu não sou, eu prefiro nem voltar ali. Eu gosto de trabalhar com quem me olha nos olhos e me acolhe.” (Thaís, informação verbal).<sup>37</sup>

---

<sup>32</sup> Entrevista concedida *online* através da plataforma *Google Meet*.

<sup>33</sup> Entrevista concedida *online* através da plataforma *Google Meet*.

<sup>34</sup> Entrevista concedida *online* através da plataforma *Google Meet*.

<sup>35</sup> Entrevista concedida *online* através da plataforma *Google Meet*.

<sup>36</sup> Entrevista concedida *online* através da plataforma *Google Meet*.

<sup>37</sup> Entrevista concedida *online* através da plataforma *Google Meet*.

Entre as revoltas que as mulheres lideravam e o seu papel importante dentro da luta no mundo do trabalho, compreender-se como sujeito político, e como parte da base de uma grande estrutura, foi e é fundamental para a construção dos movimentos feministas.

Mesmo liderando revoltas, protestos e revoluções, as ascensões, algumas mulheres foram vistas, por homens, como uma ameaça. Dessa forma, a compreensão das mulheres de serem sujeitos políticos revela-se como um ponto de ruptura entre o seu papel no mundo do trabalho, que foi esquecido e apagado por muitos, e o papel de protagonizar e escrever sobre sua própria história e o ser um corpo político no mundo. Assim, o corpo das mulheres é um território.

Dessa forma, podemos compreender o motivo das *roadies*, que traz na palavra o significado de “estradinha”, preferir, queimar mapas e traçar novas estradas para escreverem as suas histórias e terem realizações.

“Prefiro queimar o mapa, traçar de novo a estrada e ver cores nas cinzas e a vida reinventar. Um homem não me define, minha casa não me define, minha carne não me define, eu sou o meu próprio lar.” (TRISTE..., 2016).

## 9 LEI ALDIR BLANC E A PANDEMIA DA COVID-19

Durante o processo de planejamento, escrita e produção dessa pesquisa, que iniciou em abril de 2020, a pandemia da Covid-19 foi se agravando até chegar ao Brasil. Logo de início acreditava-se que iria durar pouco, então isso, de certa forma, afetou o modo que eu pensava de realizar esse trabalho. As ideias de entrevistar pessoalmente, fotografar e acompanhar os shows foram deixadas de lado, pois a crise sanitária se agravou, os shows foram proibidos, já não podíamos mais sair de casa e novas formas de apresentar a arte surgiram.

No mês em que escrevo esse capítulo, abril de 2021, segundo as ferramentas do Google Notícias que monitoram a expansão da Covid-19 no mundo, o Brasil conta com cerca de 4249 mortes por dia e um total de 365 mil mortos pela doença.

Um ano que seguimos vivendo esse caos, e nós, que trabalhamos com a cultura, fomos atingindo de diversas maneiras. Não houveram festividades como Carnaval, São João e outros festivais que movimentam toda uma cadeia produtiva da cultura e empregam milhares de pessoas, então muitos profissionais ficaram desassistidos. Assim, foi necessário repensar as formas de trabalho, mas a maioria das atividades realizadas por essa cadeia produtiva são atividades presenciais.

Diversas pessoas vivem do trabalho autônomo a partir da expansão dessas ideias de “empreendedorismo”, que passam a ser insustentáveis quando temos, por exemplo, uma crise sanitária. A maioria das funções dentro da cadeia produtiva da música são funções autônomas que dependem única e exclusivamente dos shows e produções presenciais.

Diversos profissionais ficaram desassistidos pelo Governo Federal, com pouco ou nenhum subsídio para manter-se, além do aumento das taxas de desemprego. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2021), a taxa de desemprego correspondia a 13,4 milhões de pessoas no ano de 2020 e chegou a atingir, ainda no mesmo ano, 14,1 milhões no trimestre que encerrou em outubro.

Após muita pressão da classe artística e do setor da produção cultural, o Governo Federal criou a lei Aldir Blanc, conhecida como PL 1075/2020, aprovada no mês de junho. Segundo o site do próprio governo, a lei destinou um recurso de R\$ 3 bilhões, dividido entre os estados e Distrito Federal, cada local fez a distribuição para os governos municipais tomar as decisões de como seria utilizado esse dinheiro. Esse

recurso veio com a proposta de ser um subsídio emergencial para quem trabalha com a cultura, podendo ser utilizado para a manutenção dos espaços culturais e editais de chamamento público.

Aqui, na cidade de Caruaru, a Lei Aldir Blanc foi aplicada em um auxílio emergencial de 600 reais, dividido em três parcelas, sendo pago apenas para quem não havia recebido o auxílio emergencial comum. Além disso, houve a proposta da manutenção dos espaços culturais e editais, sendo categorizados por setores da cultura e por tempo de atuação. Quanto mais tempo atuante na área, maior era o valor destinado ao seu projeto. Para o edital, era necessário fazer um projeto, mas não podia envolver nenhum tipo de aglomeração, nem nada que pudesse comprometer a saúde dos participantes.

Meu projeto da lei Aldir Blanc foi aprovado, de início eu propus algo diferente, mas no edital informava que o órgão responsável pela criação do edital poderia modificar o projeto, de acordo com a necessidade da cultura da cidade. Eu, que iria fazer uma reportagem com os trabalhadores da cultura da cidade, tive que dar aulas de *roadie* pelo Instagram durante o mês de fevereiro.

Com exceção desses editais, mesmo com o cancelamento do São João de Caruaru 2020, não houve um suporte que, de fato, pudesse acolher os trabalhadores da cultura. Apenas a entrega de cestas básicas por meio de um patrocinador. Entretanto, não houve nada destinado especificamente para o São João ou qualquer outro evento da cidade que movimenta a economia e traz renda a parte da população.

Foram dias roteirizando vídeos, gravando, editando e estudando o conteúdo. Entreguei 9 postagens explicando um pouco sobre a profissão e seus fundamentos. O repasse do subsídio foi feito em dezembro, hoje estamos em abril e o repasse foi o equivalente a três dias de trabalho como *roadie*. Passaram três meses, seguimos sem trabalho e sem a segurança de saber quando iremos retornar nossa profissão com segurança e vacina. Essa é a situação de milhares de trabalhadoras de uma área que movimenta milhões de reais a cada festividade.

## 10 CONCLUSÃO

Percebemos que a estrutura do patriarcado se faz presente em todas as áreas do trabalho desde a antiguidade e interfere em diversos espaços da vida das mulheres. Na técnica de palco ainda tem a problemática de ser uma profissão masculinizada, onde a quantidade de homens é bem superior à quantidade de mulheres. Isso torna o ambiente ainda mais prejudicial no desenvolvimento das mulheres dentro do trabalho.

Vimos também que esses lugares masculinizados tornam-se mais difíceis para as mulheres que querem ingressar na área da técnica da música, pois os cargos que ditam as equipes para os shows são ocupados por homens. Mostrando-se necessário uma discussão acerca da inclusão de mais mulheres em grandes shows e festivais. Não é por falta de profissionalização que não há mulheres para adentrar nesses espaços, pois há muitas profissionais capacitadas, o que falta é oportunidade.

Outro fato extremamente importante é que a pandemia da Covid-19 escancarou as problemáticas do capitalismo e as fragilidades da cultura, isso mostra que a área da música, abordada aqui, anseia por transformações para atender as necessidades das trabalhadoras e trabalhadores dessa arte que movimenta a economia.

O site [www.tecnicasdepalco.com](http://www.tecnicasdepalco.com) faz parte desta pesquisa e contém uma reportagem sobre as entrevistadas. É notável o apreço que essas mulheres têm pela profissão, pois o trabalho é uma trajetória de vida com espaços de lutas, dores e também de felicidade. Ser uma mulher roddie é ter um corpo político, onde o palco é um lugar entre a batalha e a realização. Deixem elas em paz!

## REFERÊNCIAS

ÁVILA, Maria Betânia. Feminismo e sujeito político. *In*: SILVA, Carmem *et al.* (org.). **Mulher e trabalho**: encontro entre feminismo e sindicalismo. Recife: SOS Corpo, 2005. p. 49-57. Disponível em: [https://soscorpo.org/?page\\_id=2669](https://soscorpo.org/?page_id=2669). Acesso em: 23 nov. 2020.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: Fatos e mitos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

DATA SIM. **Mulheres na indústria da música**: obstáculos, oportunidades e perspectivas. São Paulo: Data SIM, 2019. Disponível em: [https://datasim.info/wp-content/uploads/2020/02/DATASIM\\_MULHERES\\_NA\\_MUSICA\\_2019.pdf](https://datasim.info/wp-content/uploads/2020/02/DATASIM_MULHERES_NA_MUSICA_2019.pdf). Acesso em: 20 jun. 2020.

DELPHY, Christine. Patriarcado: (teorias do). *In*: HIRATA, Helena *et al.* (org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.

FEDERICI, Silvia. **O calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017. *E-book*.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOOGLE. Coronavírus: Covid-19. **Google**, [S. l., s. n.], 2021. Disponível em: <https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&mid=%2Fm%2F015fr&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419>. Acesso em: 08 abril. 2021.

GOVERNO DO BRASIL. Lei Aldir Blanc de apoio à cultura é regulamentada pelo Governo Federal. **Governo do Brasil**, [S. l., s. n.], 19 ago. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/cultura-artes-historia-e-esportes/2020/08/lei-aldir-blanc-de-apoio-a-cultura-e-regulamentada-pelo-governo-federal#:~:text=A%20Lei%20Aldir%20Blanc%20que,social%20por%20causa%20do%20coronav%C3%ADrus..> Acesso em: 15 mar. 2021.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

HOBBSAWM, Eric J. **Mundos do trabalho**: novos estudos sobre a história operária. Santa Efigênia: Paz e Terra, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – PNAD Contínua. Distribuição de pessoas desocupadas por idade, 4º trimestre 2020. **IBGE**, [S. l., s. n.], 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?edicao=26039&t=destaques>. Acesso em: 21 jun. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua. Tabelas – 4º trimestre 2020.

**IBGE**, [S. l., s. n.], 2021. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?t=resultados>. Acesso em: 12 mar. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. O IBGE apoiando o combate à Covid-19: Brasil. **IBGE**, [S. l., s. n.], 2021. Disponível em:

<https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid>. Acesso em: 21 jun. 2020.

INTERNATIONAL FEDERATION OF THE PHONOGRAPHIC INDUSTRY. IFPI Global Music Report 2019. **IFPI**, [Londres], [s. n.], 02 abr. 2019. Disponível em:

<https://www.ifpi.org/ifpi-global-music-report-2019/?fbclid=IwAR2wgmd3Z3r7TJgDld-z3vfpcz8Yb5y9BobLErNywJ42sBPe5bNngKylges>. Acesso em: 20 nov. 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 311 p.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista**: O diálogo possível. São Paulo: Ática, 1986. 96 p. ISBN 8508015224.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *In*: DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu (org.). **Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 9-29.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 2012.

SALAZAR, Leonardo Souza. **Música Ltda**: o negócio da música para empreendedores. Recife: Editora Sebrae-PE, 2015.

SELVÁTICA. Intérprete: Karina Buhr. Compositor: André Lima, Bruno Borges, Karina Buhr, Maurício Pascuet. *In*: SELVÁTICA. [S. l., s. n.], 2015. 1 Álbum, faixa 11 (5:44). Vários intérpretes. Vários compositores. Disponível em:

[https://open.spotify.com/album/5VfVX0P3QvmPIknmdB6LNk?si=ucW3deJsQ\\_S9Nk5rNaLPwg](https://open.spotify.com/album/5VfVX0P3QvmPIknmdB6LNk?si=ucW3deJsQ_S9Nk5rNaLPwg). Acesso em: 18 mar. 2021.

TRISTE, louca ou má. Intérprete: Juliana Strassacapa, Helena Maria, Labaq, Renata Éssis, Salma Jô. Compositor: Andrei Kozyreff, Juliana Strassacapa, Mateo Piracés-Ugarte, Rafael Gomes, Sebastián Piracés-Ugarte. *In*: SOLTABRUXAS. [S. l., s. n.], 2016. 1 Álbum, faixa 6 (4:25 min). Vários intérpretes. Vários compositores. Disponível em:

[https://open.spotify.com/track/5wMrWkvLD4TnTFwclqjjo6?si=AoX94RppQ5Wvc3\\_wlmGQ](https://open.spotify.com/track/5wMrWkvLD4TnTFwclqjjo6?si=AoX94RppQ5Wvc3_wlmGQ). Acesso em: 18 mar. 2021.